

QUAL É A COR DO NOSSO TEMPO?

Camila Rodrigues Moreira Cruz[1]

WHAT COLOR IS OUR TIME?

QUELLE EST LA COULEUR DE NOTRE TEMPS?

1 Artista visual, diretora da EBA-UFMG. Coordenadora do NEDEC –UFMG.camilarmcruz@hotmail.com
https://lattes.cnpq.br/4577965193482567- Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7427-0183

Palíndromo, Florianópolis, v.18, n.45, p.01-14, jun.2026-set.2026
DOI:http://dx.doi.org/ 10.5965/2175234618452026e0002
PALÍNDROMO

Camila Rodrigues Moreira Cruz

RESUMO

Este artigo analisa a percepção e a representação da cor no contexto contemporâneo, com foco na constituição de uma paleta cromática nacional. Investiga como as vertentes de matéria, imagem, memória e tecnologia — incluindo o impacto do uso da inteligência artificial — moldam o discurso visual e tornam-se linguagem em uma sociedade plural. A abordagem fundamenta-se em reflexões teóricas e no exame da brasilidade cromática presente em produções subjetivas e nas obras dos artistas Cildo Meireles, Tunga e Adriana Varejão. Conclui-se que a elaboração de uma paleta brasileira configura um desafio complexo de simbiose cultural, no qual a cor atua como uma interpretação do mundo visível dirigida pelo imediatismo interpretativo e pelo simbolismo das visualidades de seu próprio tempo.

Palavras-chave: Cor. Brasilidade. Tempo. Matéria. Pensamento.

Palíndromo, Florianópolis, v.18, **n.45, p.01-14,** jun.2026-set.2026
DOI:http://dx.doi.org/ 10.5965/2175234618452026e0002

ABSTRACT

This article analyzes the perception and representation of color in the contemporary context, focusing on the constitution of a national chromatic palette. It investigates how the dimensions of matter, image, memory, and technology — including the impact of artificial intelligence — shape visual discourse and become language in a plural society. The approach is grounded in theoretical reflections and an examination of chromatic *brasilidade* (Brazilianness) present in subjective productions and in the works of artists Cildo Meireles, Tunga, and Adriana Varejão. It concludes that developing a Brazilian palette presents a complex challenge of cultural symbiosis, where color acts as an interpretation of the visible world driven by interpretive immediacy and the symbolism of the visualities of its own time.

Keywords: Color. Brasilidade. Time. Matter. Thought.

RÉSUMÉ

Cet article analyse la perception et la représentation de la couleur dans le contexte contemporain, en se concentrant sur la constitution d'une palette chromatique nationale. Il étudie comment les dimensions de la matière, de l'image, de la mémoire et de la technologie — y compris l'impact de l'utilisation de l'intelligence artificielle — façonnent le discours visuel et deviennent un langage au sein d'une société plurielle. L'approche se fonde sur des réflexions théoriques et sur l'examen de la « brésilité » chromatique présente dans les productions subjectives et dans les œuvres des artistes Cildo Meireles, Tunga et Adriana Varejão. Il en conclut que l'élaboration d'une palette brésilienne configure un défi complexe de symbiose culturelle, où la couleur agit comme une interprétation du monde visible guidée par l'immédiateté interprétative et par le symbolisme des visualités de sa propre époque.

Mots-clés : Couleur. Brésilité. Temps. Matière. Pensée

Palíndromo, Florianópolis, v.18, **n.45, p.01-14**, jun.2026-set.2026
DOI:http://dx.doi.org/ 10.5965/2175234618452026e0002

Camila Rodrigues Moreira Cruz

Palíndromo, Florianópolis, v.18, n.45, p.01-14, jun.2026-set.2026
DOI:http://dx.doi.org/ 10.5965/2175234618452026e0002

No início, as cores

Ao começar a ler esse artigo, feche os olhos. E por alguns segundos pense qual é a cor dos seus sonhos? Qual é a sua cor preferida? Os corpos tem cores? O que vemos é a luz? Onde estão as cores quando faz noite? O que eu vejo do mundo? Quando pensamos nas cores nos aproximamos da ideia de realidade, do mundo visível, da hora em que estamos vivos e racionalmente ativos. É quando vemos. Mas, quais são as cores da memória? De quais memórias? As inventadas pelo imaginário? Ou as reais? Como podemos falar sobre as cores? Cor-pigmento, cor-luz, cor-tinta, cor-matéria, cor-carne, cor do sujeito? Onde moram verdadeiramente as cores?

Em 2016, eu ainda estava em Paris. Estava caminhando para finalizar minha tese de doutorado e no Brasil nossa democracia começava a viver os primeiros passos de uma queda. Qual é a cor da democracia? Nesse mesmo tempo, fui visitar uma exposição intitulada Soulevèments - Levantes, no museu Jeu de Paumme curada por George Didi-Huberman, um filósofo, historiador e crítico de arte francês, professor da École de Hautes Études et Sciences Sociales. Didi Huberman, falava do tempo em suspensão. Daquele onde a voz se cala, e a denúncia torna-se um grito vazio. Não estamos nem vivos nem mortos. As cores são pálidas ou quase inexistentes. Estamos em estado de suspensão, onde o tempo parece se dissolver ou mesmo se separar da realidade que acreditamos conhecer. Estaríamos hoje vivendo esse tempo suspenso?

> Tempos sombrios. O que fazer quando reina a obscuridade? Pode-se simplesmente esperar, dobrar-se, aceitar. Dizermos a nós mesmos que vai passar. Tentarmos nos acostumar. Ou, melhor: na escuridão, pintamos o piano de branco. De tanto nos acostumarmos – e isso logo acontece, pois o homem é um animal que se adapta rápido -, não esperamos mais

> nada. O horizonte temporal do esperar acaba desaparecendo, como já tinha desaparecido nas trevas todo o horizonte visual. Onde reina a obscuridade sem limite não há mais o que esperar. Isso se chama *submissão* ao obscuro (ou se preferirem, obediência ao obscurantismo). (Didi-Huberman, 2017, p.14)

Quando pensei na escrita desse artigo, comecei a imaginar como as cores nos conduzem, nos posicionam, nos apresentam e, as vezes, nos definem. As cores de nossas culturas, de nossas terras, de nossos corpos. As cores de nossas raízes e de nossos países. Ou simplesmente: sobre a cor no Brasil e sua brasilidade. Estaríamos em um tempo suspenso ou obscuro?

Em 2020, uma ação militar ocorrida nos EUA e também no Brasil me tocou. Um homem negro foi morto asfixiado sobre a prerrogativa de proteção, de se guardar uma ideologia, ou uma sociedade, sob um tempo e uma égide de verdade que questiona-se sua relevância pois, segundo Bergson, o tempo não existe. Dessa cena que repercutiu mundialmente nasceu o vídeo intitulado GUARD(AR) de 2020, 2’05’’, que foi contemplado pelo prêmio Funarte RespirArte. Nesse vídeo, duas mãos, uma de um homem negro e outra de uma mulher branca escrevem a palavra Guard(ar) sobre elas. Gotas de sangue caem enquanto o som de uma respiração ofegante preenche a cena. Uma analogia a asfixia é narrada à qual homens negros sofreram até a morte, sendo torturados por policiais em nome de uma segurança social. Qual seria a cor desses corpos, da democracia, do país?

> Uma frase símbolo dessa década – *Black is beautiful* – é uma metonímia da reflexão que se tece sobre a questão da identidade. Odisseia da cor, elogio da raça, alegoria da identidade, essa elocução ruidosa, de conotação contraideológica, traduz um amplo e complexo movimento de inscrição racial,

Palíndromo, Florianópolis, v.18, **n.45, p.01-14,** jun.2026-set.2026
DOI:http://dx.doi.org/ 10.5965/2175234618452026e0002



FIGURA 1.

Camila Moreira, 2020. *GUARD(AR)*.
Vídeo 2’05’’. Prêmio Funarte RespirArte.
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=dC3_jXhc2Pc

Palíndromo, Florianópolis, v.18, **n.45, p.01-14,** jun.2026-set.2026
DOI:http://dx.doi.org/ 10.5965/2175234618452026e0002

> que subverte os ideais europeus do belo e, por extensão, do que é considerado bom. (Martins, 2023, p.155)

Com a premissa de se analisar as cores no nosso tempo a partir de outros existentes ou por vir, como podemos pensar as cores das tecnologias, da inteligência artificial somadas as cores construídas, oferecidas pela natureza, pelas cores dos nossos corpos no contexto contemporâneo? Como falar de uma paleta brasileira da cor, nossa brasilidade sob a égide de uma democracia em estado de suspensão? Acredito que sempre poderemos pensar, desejar, construir e narrar a nossa cor do mundo, e nesse caso, cores da resistência, pelas cenas do cotidiano e pelas cores dos artistas. Arte e vida se impõe como a digestão do mundo. Somos o que transcrevemos da nossa sociedade, mesmo que inconscientemente. O mundo nos afeta e assim pertencemos cada vez mais a ele.

Sobre terras brasileiras, poeira vermelha

A ditadura militar foi um marco para no mundo mas em especial, para a sociedade brasileira. No Brasil (1964-1985) ela foi um regime autoritário que perdurou por 21 anos, tendo iniciado com o golpe de 31 de março de 1964 que depôs o presidente João Goulart. Nossa brasilidade foi rompida e corrompida e ser artista por si só nesse contexto de rupturas foi um ato de resistência. E qual seria a cor desse tempo? Sobre as terras brasileiras correm os verdes de nossas matas, os azuis esbranquiçados e translúcidos de nosso céu, com rios meio esverdeados das algas. Sobre nossas ruas e casas pairam também poeira vermelha, das queimadas, da dor de um descobrimento que foi destruição e desmatamento, pois já estávamos aqui. Fomos na verdade encobertos de vermelho sangue. Aqui, em nossas terras, ainda pairam vermelhos.

Entre 1967-1984, o artista brasileiro Cildo Meireles produziu essa instalação que encontra-se exposta de forma permanente desde 2006

Palíndromo, Florianópolis, v.18, n.45, p.01-14, jun.2026-set.2026
DOI:http://dx.doi.org/ 10.5965/2175234618452026e0002

em uma das galerias do Instituto Inhotim em Brumadinho, Minas Gerais. A obra se divide em três ambientes interligados, onde em uma sala todos os objetos são vermelhos. Ao adentrar por essa "casa" e contemplar suas nuanças vermelhas, caminhamos em direção a um corredor onde uma garrafa esta caída no chão e escorre um liquido também vermelho. Ao penetrar na cena construída, o espectador é direcionado para o terceiro ambiente até a uma pia que jorra água vermelha, em um ambiente totalmente escuro e sombrio. Metáforas de uma violência anunciada, de um país que já não tinha cores nas cores de sua terra. "Se alguém disser "vermelho"(o nome de uma cor) e houver 50 pessoas ouvindo, pode-se esperar que haverá 50 vermelhos em suas mentes."(Albers, 2009, p.6)

Qual é a cor de nosso país? O Pau-Brasil de nome cientifico *Caesalpinia echinata*, é uma árvore nativa de nossa terra, do bioma da Mata Atlântica. Foi fonte de exploração europeia. Seu interior vermelho já traduzia nosso destino de colonizados, de dor e luta, de vermelho brasa, de Brasil. A cor aqui é linguagem e tornou-se nossa língua. A cor de um povo que luta, resiste, transpõe e busca em todos os seus anos mais de 500 anos de *encobrimento*, transpor para além de suas matizes.

> O que acontece quando a nossa percepção de uma cor é desafiada pela palavra? Os fenômenos visuais são codificados como uma linguagem e a compreensão de uma obra parece implicar um entendimento prévio dos códigos de cada cultura. Nesse sentido, a pintura efetivamente parece cada vez mais falar de si mesma, de seus esquemas de representação, de suas regras espaciais, das maneiras como podemos captar um fenômeno cromático. (Gianotti, 2021, p. 394)

A artista brasileira Adriana Varejão apresenta uma produção intensa sobre nossa brasilidade, com obras que orquestram entre crítica, denuncias, visualidades e plasticidades plurais de uma sociedade visceral. Sob um recorte sucinto de sua vasta produção pictórica, ressalta-se aqui sua intensa e máxima maestria com as cores. Nas suas séries de pinturas



Figura 2.

Cildo Meireles, Desvio para o vermelho I: Impregnação, 1967-84, materiais diversos, dimensões variáveis. Foto: Pedro Mota.

Camila Rodrigues Moreira Cruz

Palíndromo, Florianópolis, v.18, **n.45, p.01-14,** jun.2026-set.2026
DOI:http://dx.doi.org/ 10.5965/2175234618452026e0002

e azulejos e “carnes” ressaltamos a obra *Azulejaria Verde em Carne Viva*, 2000. Nessa obra a cor é *desafiada pela palavra*, pelo contexto e pela narrativa. Extremamente visceral, como se olhássemos de dentro para fora , sob corte pontuais que colocam as vísceras em pleno diálogo, nos fazendo pairar entre a aversão absoluta, a repugnância, a realidade que nos torna únicos, próximos, semelhantes e humanos. Somos corpos sob azulejos. Somos corpos sob uma sociedade. Somos corpos sob uma relação de canibalismo da palavra e das ações. Somos uma brasilidade herdada e imposta que retrata por meio de suas visceralidades todas as suas fragilidades e impotências sociais. Em suas obras, a artista retrata a intimidade dos corpos dilacerados, da carne que se posiciona aculturada, rasgada de suas entranhas. Corpos de dentro expostos em suas pinturas viscerais.

> A atividade artística constitui não uma essência imutável, mas um jogo cujas formas, modalidades e funções evoluem conforme as épocas e os contextos sociais. (...) aprender a habitar melhor o mundo, em vez de tentar construí-lo a partir de uma ideia preconcebida da evolução histórica. Em outros termos, as obras já não perseguem a meta de formar realidades imaginárias ou utópicas, mas procuram constituir modos de existência ou modelos de ação dentro da realidade existente, qualquer que seja a escala escolhida pelo artista. (Bourriaud, 2009, p.15-18)

Varejão nos apresenta uma produção plástica provocadora de sua época. Colonialismo, subserviência e contexto politico social são colocados em questão na construção de seus percursos discursivos assim como na composição de sua paleta. No contexto contemporâneo da arte, a representatividade da produção artística tem cada vez mais se colocado face a seu tempo, em uma relação de soberania da produção imagética, onde o discurso narrativo materializado em cada obra se impõe a todos os percursos reflexivos de sua inventividade, tornando-se assim modos de existência.

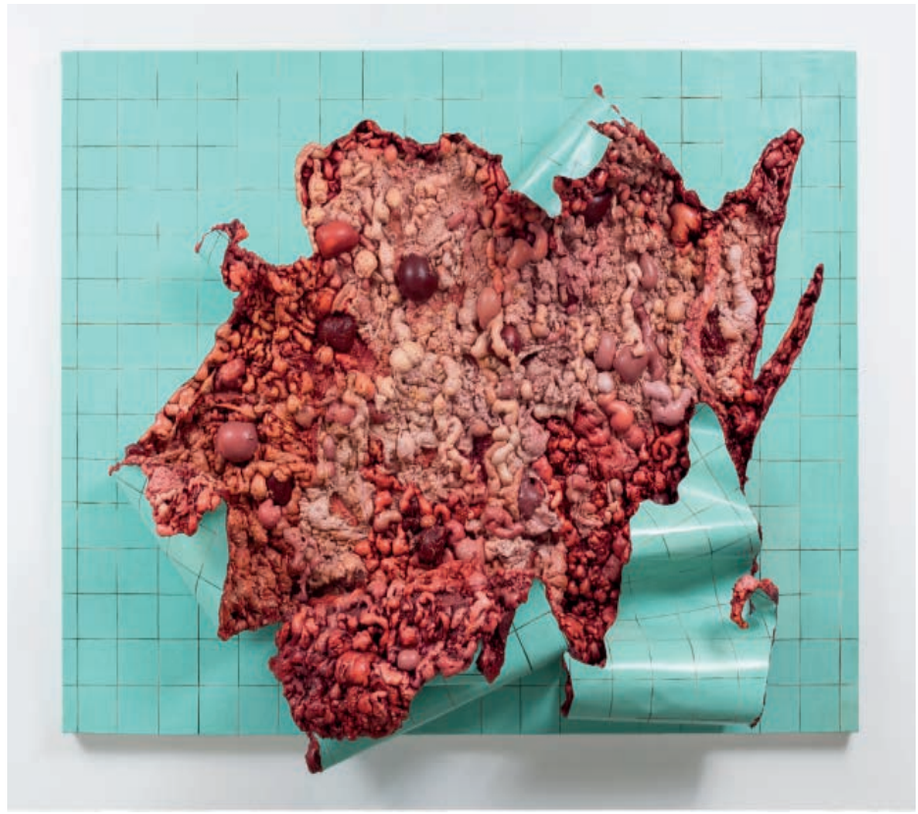


Figura 3.

Adriana Varejão, Azulejaria Verde em Carne Viva, 2000. Óleo sobre tela e poliuretano sobre suporte de madeira e alumínio. 220 x 290 x 70 cm

Palíndromo, Florianópolis, v.18, **n.45, p.01-14,** jun.2026-set.2026
DOI:http://dx.doi.org/ 10.5965/2175234618452026e0002

Ainda no percurso de busca de uma paleta brasileira, o artista Tunga, com a obra True Rouge de 1997 apresenta reverência investigativa e reflexiva de uma possível paleta brasileira. Sob matizes diversas, materialidades múltiplas e visualidade desenhadas como corpos emergentes no espaço, a obra True rouge questiona produção, contexto e narrativas na arte.

Esse recorte visual de uma vasta representatividade artística brasileira permeia o cerne dessa investigação e pesquisa: qual seria a cor do nosso tempo? Se nos posicionarmos face a uma contextualização histórica, a cor se colocaria como uma experiência estética assim como meio de discurso. A cor matéria e das imagens, tão diluída e reinterpretada pelas tecnologias contemporâneas coloca em xeque não só sua nomenclatura e conceptualização político social assim como a natureza das cores na atualidade entendendo nesse caso que o corpo é o grande mediador para essa interlocução.

Para pensarmos na construção de uma paleta cromática brasileira no contexto contemporâneo, é preciso entender suas urgências. Paulo Bruscky já afirmava que *toda arte é política*. Desse modo podemos questionar : se toda arte é política, é resistência e deveria ser permanência inclusiva e reflexiva nas sociedades, seria o vermelho um dos principais matizes de nossa paleta? Ressalta-se aqui o vermelho e pigmentos entranhados em nossas terras e montanhas, em nossos vales e campos de cultivo. O vermelho de nossas queimadas, de um fogo que pulsa e impulsa nossa sociedade agrária, que privilegia um grupo em detrimento de uma nação. Seria nossa cor o vermelho das lutas de classes, do sangue que corre em nossas comunidades. Seriam vermelhos nossos rios e águas, nossas matas selvagens destruídas, nossos corpos mestiços?



Figura 4.

Tunga,True Rouge. 1997. Redes, madeira, vidro soprado, pérolas de vidro, tinta vermelha, esponjas do mar, bolas de sinuca, escovas limpa-garrafa, feltro,bolas de cristal, 1315 x 750 x 450 cm. Instituto Inhotim.

Palíndromo, Florianópolis, v.18, **n.45, p.01-14,** jun.2026-set.2026
DOI:http://dx.doi.org/ 10.5965/2175234618452026e0002

Paleta visível de um mundo invisível

Terras ocres, vermelhas, cinzas avermelhados, cor de ferro e minério. Vermelho sangue. Nossa paleta é nossa realidade. A brasilidade é vermelha hoje. E ainda, pairando sobre essa pesquisa, temos a tecnologia, o uso da inteligência artificial e seus múltiplos desdobramentos entranhados em nossa sociedade brasileira pouco global. Ainda estamos dispersos e perdidos.

> Essa civilização segue um ritmo que é impactado por alterações mais ou menos radicais a cada período, e poderíamos elencar alguns feitos que alteram o ritmo dos acontecimentos em épocas diversas, mas a chamada *revolução tecnológica* traz uma ruptura na forma como nos relacionamos e nos entendemos no mundo jamais experimentada com tamanha radicalidade. (Brochado, 2023, p.66)

A chamada *revolução tecnológica* está engendrada em nossa paleta. Ela configura um novo paradigma cromático brasileiro. Se ainda temos artistas que buscam nas terras os pigmentos para fabricarem suas tintas e consequentemente suas pinturas, nos confrontamos cada vez mais com uma população tecnológica onde cores, paletas, formas e formatos estão dimensionados na bidimensionalidade das telas. A cores são cor luz, dispersas sobre formatos quase únicos. Nossa paleta tornou-se uma representação da irrealidade matérica e latente da realidade virtual versus as cores condicionadas. “Uma obra de arte aparece quando estamos preparados para vê-la, e isso depende dos critérios que utilizamos para decifra-la”. (Giannotti, 2021,p. 41)

Nesse sentido, como podemos decifrar as cores presentes nas produções contemporâneas brasileiras, de modo a constituírem uma paleta cromática representativa de seu tempo?

A obra Le guide (o guia) de 2018, vídeo de 5’29’’, é um exemplo para uma possibilidade de paleta cromática do tempo presente. Desde meados de 2013, a Europa, o mundo enfrenta mais efervescentemente

Palíndromo, Florianópolis, v.18, **n.45, p.01-14,** jun.2026-set.2026
DOI:http://dx.doi.org/ 10.5965/2175234618452026e0002

processos migratórios. Porém, é imprescindível ressaltar e lembrar, que somos todos migrantes, de certo modo. Estamos sempre partindo. Porém, esse deslocamento físico, temporal e material humano tem cada vez mais se tornado o tormento do mundo. Terras são propriedades, territórios são disputas e espaços são fronteiras cada vez mais mediadas por divisões imagéticas. E tudo isso orquestrado, dividido e circunscrito em uma divisão territorial ilusória. As tecnologias mapeiam, definem, dividem e guardam fronteiras virtuais, espaços cibernéticos em rede.

Ainda em território francês mas de retorno ao Brasil, pude participar efetivamente de grupos de estudo sobre o exilio. Ministrados por Alexis Nouss na École de Hauts Études et Sciences Sociales, Nouss falava do exilio enquanto denominação política donde poderíamos nos sentir exilados sem nunca termos deixado nosso território, pois, o exilio é também um estado de consciência. Sob essa esfera ideológica e ideossintática, foi criado esse vídeo intitulado O guia. Nesse vídeo as mãos desenham no espaço o mapa mundi da imigração. Partindo da África e da América do sul, as mãos foram lentamente desenhando com grãos de chá preto inglês, todo esse território global de deslocamento de nossas sociedades e culturas. O vídeo mostrava a dispersão dos homens pelo mundo mas também suas singularidades ofensivas. Gotas de tinta vermelha caem sobre essas mãos que utilizam dessa mesma tinta para desenhar uma contextualização histórico/temática erguida com sofrimento, luta, violência e cautela. São corpos em luta desenhando a paleta cromática de toda uma geração que convive há anos com conflitos incessantes.

Do que é cor, paleta. Considerações finais

Pensar uma paleta cromática brasileira é um desafio. Na verdade, escolheu-se ponderar primeiramente o que é cor, não em suas especificações físicas mas em sua linearidade objetiva, representativa e consequentemente estética.



Figura 5.

Camila Moreira, 2018. Le guide. Vídeo 5’29’’. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=ojauhhjPDrE

Palíndromo, Florianópolis, v.18, **n.45, p.01-14,** jun.2026-set.2026
DOI:http://dx.doi.org/ 10.5965/2175234618452026e0002

Em pleno século XXI, poderíamos desse modo afirmar que cor é tudo aquilo que vejo no mundo somado a tudo que retiro do mesmo. Assim, a cor é o que recebo das coisas e o que observo e interpreto. Uma paleta cromática é a simbiose de culturas junto a nossa terra. É o mundo suspenso sendo dirigido pelo imediatismo interpretativo, que, somado as tecnologias, absorve e devolve a nossa realidade cada vez mais cores que são interpretações do mundo visível. Uma paleta é um universo, uma decisão, um desafio de colher das visualidades o simbolismo de uma vida às sombras, dos cinzas que, somente na presença da luz pode identificar as cores do seu tempo.

Palíndromo, Florianópolis, v.18, **n.45, p.01-14,** jun.2026-set.2026
DOI:http://dx.doi.org/ 10.5965/2175234618452026e0002

Referências

ALBERS, Josef. **A interação da cor**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins, 2009.

BROCHADO, Mariah. **Inteligência artificial no horizonte da filosofia da tecnologia**: técnica, ética e direito na era cybernética. São Paulo: Dialética, 2023.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Levantes**. Bélgica: Edições SESC, 2017.

GIANNOTTI, Marco (org.). **Reflexões sobre a cor**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2021.

MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombras**. São Paulo : Perspectiva, 2023.

Data de submissão: 09/05/2026
Data de aceite: 17/09/2026
Data de publicação: 29/10/2026

Declaração de uso de Inteligência Artificial: CHATgpt para revisão de linguagem.

PALÍNDROMO
Palíndromo, Florianópolis, v.18, **n.45, p.01-14**, jun.2026-set.2026
DOI:http://dx.doi.org/ 10.5965/2175234618452026e0002